

EDITORIAL

7

Na Pauta: Em busca de um lugar perdido...

Desafiador seria o fato de investigar se as especificidades que o jornalismo mantém em relação às demais formas de comunicação são suficientes para reservar à atividade um lugar próprio. Não uma área qualquer, escanteada ou de menor valor, mas um espaço com relevância para pautar os principais temas da atualidade. É lugar comum o argumento de que desde o nascimento e popularização da internet, sobretudo após a consolidação das grandes plataformas, o jornalismo tem compartilhado – por vezes, como mero coadjuvante – com outros interagentes a capacidade de agendar o debate público. Esse predicado foi tão eminente que possibilitou ao jornalismo institucionalizar-se e se transformar em um dos principais produtos e produtores da modernidade.

Nesse sentido, o trabalho profissional de transformar fatos em acontecimentos tem perdido autoridade, isto é, tem passado por um período ou crise que talvez demonstre os primeiros sinais de esgotamento dessa atividade – ao menos da forma como tem sido produzida. A realidade é que este novo ecossistema midiático que marca o primeiro quarto do século XXI tem tornado o jornalismo uma prática social, senão obsoleta, turva. As tensões entre o *ethos* da profissão e os diálogos com outros campos do conhecimento tornam cada vez mais complexas as relações sociais e os sentidos cotidianos produzidos

em sociedades cada vez mais midiaticizadas. Tensionar aquilo que o jornalismo tem de específico e por quais transformações passará em meio a um contexto de emergência do fenômeno da desinformação, aguçado por uma crise no modelo de negócios e pelos já mencionados questionamentos acerca da própria ontologia do jornalismo, são apenas alguns dos temas que merecem atenção da comunidade científica da área. E é nessa celeuma que a seleção de textos disponíveis nesta edição da **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo** chega aos leitores e leitoras.

Em especial, a missão do campo científico de procurar algumas respostas a esse contexto é aceita pelo conjunto de nove textos que compõem o dossiê *O lugar do paradigma jornalístico no campo científico: debates epistemológicos*, organizado pelos professores Guilherme Carvalho e Marcelo Engel Bronosky. A iniciativa busca identificar e problematizar os desafios lançados sobre o campo do jornalismo na atualidade.

No primeiro texto, *Jornalismo e Estudos Culturais: problemas de redefinição lógica*, assinado pelos proponentes do dossiê, busca-se problematizar o paradigma dos Estudos Culturais. Segundo os autores, a ênfase demasiada nessa perspectiva, cuja importância é amplamente reconhecida pela comunidade científica do campo, tem levado “as análises a um problema teórico que tende extrapolar o atual paradigma jornalístico” (p. 30). Trata-se de uma – polêmica, bem verdade – defesa epistemológica do campo.

Na sequência, Luis Mauro Sá Martino busca compreender, em *A formação do capital científico no campo acadêmico do jornalismo: dimensões institucionais, teóricas e de ensino*, os lugares específicos do campo do jornalismo. De acordo com ele, conquistar lugares específicos exige, de saída, a busca por “questões teóricas, metodológicas e empíricas próprias, capazes de sustentar um debate próprio, impossível de ser absorvido nas discussões de outras áreas próximas” (p. 50).

A atividade é objeto de muitos estudos e pesquisas científicas, mas eles não formam um *corpus* articulado e cumulativo de saberes alinhados para explicar e orientar a prática profissional. É o que buscam os dois textos seguintes. Primeiro, com o pesquisador Josenildo Luiz Guerra em *Ensaio sobre o jornalismo: para um programa de Pesquisa Básica, Aplicada e de Desenvolvimento Experimental*. Segundo o autor, sem o desenvolvimento de métodos mais efetivos, o jornalismo continuará deliberadamente sofrendo um processo de corrosão. Ele defende uma articulação entre Pesquisa Básica e Básica Orientada com a Pesquisa Aplicada e de Desenvolvimento Experimental. Essas diferentes perspectivas permitiriam “condições para alinhar fundamentos teóricos às

práticas profissionais, a fim de impulsionar as pesquisas a níveis de maior especialização, por um lado, e o saber profissional a níveis de maior capacidade demonstrativa de sua eficácia, por outro” (p. 73). Na esteira do debate levantado por Josenildo Luiz Guerra, Felipe Simão Pontes apresenta os resultados de um esforço de organização dos estudos sobre jornalismo publicados entre o final do século XX e o início desta terceira década do século XXI. Em *Epistemologia e Jornalismo: Revisão bibliométrica de artigos (1998-2022)*, o pesquisador visa compreender quais são e sobre o que tratam os estudos que associam jornalismo e epistemologia.

Já a pesquisadora Itala Maduell Vieira assina o texto *Paradigma como chave teórica para entender o jornalismo em mutação*, no qual se debruça sobre a atividade profissional enquanto um fenômeno histórico que carrega singularidades mais ou menos compreendidas pelas novas gerações de jornalistas. Segundo a autora, a noção de paradigma jornalístico, se entendida como método, é um caminho capaz de contribuir para a compreensão das atuais relações de força na mutante e inconstante comunidade interpretativa dos jornalistas. Ainda no âmbito da forma sobre como o jornalismo se posiciona enquanto comunidade, Júlio César Rigoni Filho, no artigo *Reflexões sobre a imagem jornalística como conhecimento mediado pelo efeito de sentido de verdade*, reflete sobre os impactos das imagens mediante as relações entre o conhecimento jornalístico e os efeitos de sentido de verdade. Para o autor, o teor testemunhal que a imagem jornalística carrega foi transformado com a internet, em especial, quando se pensa sobre os fenômenos da desinformação e de perda de credibilidade da imprensa.

Os três artigos que fecham o dossiê focam em diálogos com outras áreas do conhecimento. Trata-se de um esforço que não se contradiz às pesquisas anteriores, já que a busca por especificidades do jornalismo não exclui, sobremaneira, suas interfaces com outras formas de conhecimento. Luiz Felype dos Santos e Ivan Carlo Andrade de Oliveira exploram, no texto *Diálogos entre Jornalismo Científico e Educação: o dever da formação educacional dos cidadãos*, as tensões entre jornalismo e educação, enquanto Marcio da Silva Granez, em *A verdade do jornalismo, da ciência e do direito: lições da crise sanitária da Covid-19*, discute o conceito de verdade a partir de uma visão interdisciplinar e transdisciplinar com os campos da Ciência e do Direito. Por fim, Felipe Moura de Oliveira e Guilherme Gonçalves Maia olham para as implicações da tecnologia 5G no estatuto filosófico do jornalismo contemporâneo. No artigo *Jornalismo e 5G: especulações a partir da filosofia do campo*, os autores estabelecem a hipótese de que a

tecnologia “tende a favorecer o reconhecimento do papel de mediação que o jornalismo pode exercer, conferindo inteligibilidade à realidade” (p. 174).

O dossiê não traz consensos, tampouco espera esgotar a discussão. O que une o conjunto de textos é a preocupação com o amadurecimento epistemológico do campo.

Temas livres

Esta edição traz uma série de artigos interessantes na seção de temas livres. As pesquisadoras Mara Rovida e Agnes Arruda, por exemplo, buscam atravessamentos entre as pesquisas de campo desenvolvidas por elas. Em *Narrativas de campo: ciência e jornalismo*, a dupla de jornalistas-pesquisadoras tentar organizar um conjunto de ações de campo que podem tanto servir à produção do gênero reportagem quanto de textos acadêmicos. Com os olhos voltados ao processo de produção de reportagens, a pesquisadora Magali Moser assina *Conhecimentos tácitos nos processos de produção jornalística*. No texto, problematiza saberes naturalizados que circulam em meio às redações, como, por exemplo, a noção de *faro jornalístico*. Nessa linha conclui que “negar a existência de uma metodologia que conduz a reportagem ou deixá-la apenas restrita a dimensões intuitivas sugere implicitamente a sua negação como profissão” (p. 208).

Em *Disparidades entre jornalistas negras e brancas que atuam nos setores de comunicação dos Institutos Federais: a presença do triplo telhado de vidro raça/gênero/classe*, Ana Maria Teles e Dione O. Moura trazem os resultados de um estudo que analisa “o perfil dos jornalistas que atuam nos setores de comunicação organizacional dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) no Brasil” (p. 212). A pesquisa já revela alguns dados que merecem atenção: a prevalência de mulheres brancas, por exemplo, indica a necessidade de aguçamento de políticas de inclusão de grupos étnico-raciais minoritários.

Já o pesquisador Diuan Feltrin, em *Jornalismo para a Paz: uma proposta de aplicação para análise de coberturas sobre homofobia*, procura, a partir de materiais produzidos pelo Portal G1, verificar as tensões entre abordagens voltadas para a paz e para a violência. Para o autor, o Jornalismo para a Paz é uma possibilidade concreta para a efetivação de debates mais críticos sobre o tema homofobia: A elaboração de narrativas jornalísticas pode “contribuir para a desnaturalização e ressignificação da homofobia, especialmente se levarmos em conta que a violência cultural é um aspecto pouco percebido, mas muito presente no texto jornalístico” (p. 245), explica.

Carolina Klautau e Claudio Novaes Pinto Coelho também olham para um objeto empírico para refletirem sobre o papel do jornalismo enquanto narrativa relevante. *Em Vida, morte e incerteza no jornalismo: um estudo da reportagem “Nove meses de luto” à luz da epistemologia da compreensão*, a dupla apresenta o processo de apuração de uma reportagem publicada em 2018 pela Agência Pública. Questões como pluralidade de vozes, escuta atenta, incertezas perfazem o caminho da repórter que assina o material.

Os três últimos artigos olham para debates bastante emergentes. Malu Francine do Nascimento e Mara Rovida mostram, em *A reforma trabalhista brasileira de 2017: uma análise da cobertura do Jornal Cruzeiro do Sul*, como um jornal de Sorocaba cobriu a Reforma Trabalhista, especialmente em relação ao fato de o jornal incluir ou não uma reflexão sobre os impactos da reforma na vida do trabalhador. Já Gustavo Teixeira de Faria Pereira, no texto *Regulação da mídia no Brasil: cenário atual e comparações com países de língua portuguesa*, aponta as dificuldades que o país enfrenta no tema, enquanto Ivan Paganotti, em *Desinformação e democracia sob ataque na radiodifusão O pedido de cancelamento de concessão da Jovem Pan*, um caso que “pode ser paradigmático na definição de jurisprudência sobre a liberdade de imprensa” (p. 305).

A edição se encerra com uma entrevista com Tim Vos, renomado pesquisador da Michigan State University e membro da *Worlds of Journalism Study* (WJS). Assinada por Hendry André, Marcelo Engel Bronosky e David Candido dos Santos, o material explora o hiato entre o discurso legitimador e a prática jornalística. Para recuperar a confiança no jornalismo, defende o entrevistado, é preciso exigir certo afastamento do modelo comercial. Tim Vos também analisa a polarização e o impacto das plataformas digitais nos ecossistemas midiáticos dos Estados Unidos e Brasil.

A equipe editorial da **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo** reforça que segue aberta em fluxo contínuo para a edição de dezembro. Além disso, o periódico recebe propostas de dossiês temáticos, artigos, resenhas, entrevistas e relatos de experiência. Ótima leitura e até a próxima edição.

Ponta Grossa, 22 de agosto de 2024.

Hendry André